

OCTÓGONO

Revista Capitular Templária

Ordem do Templo

Ano VI Nº 2

Abril 2021

Cristo Redentor

Fr+ Randolpho Radsack

Simbolismo Templário

Fr+ Sebastián Arratia

SIDDHIS E GUNAS

Visão Iniciática

Poderes mentais e os três
princípios que movem o
Universo na filosofia védica.

Fr+ José Fajardo

Equilíbrio Energético

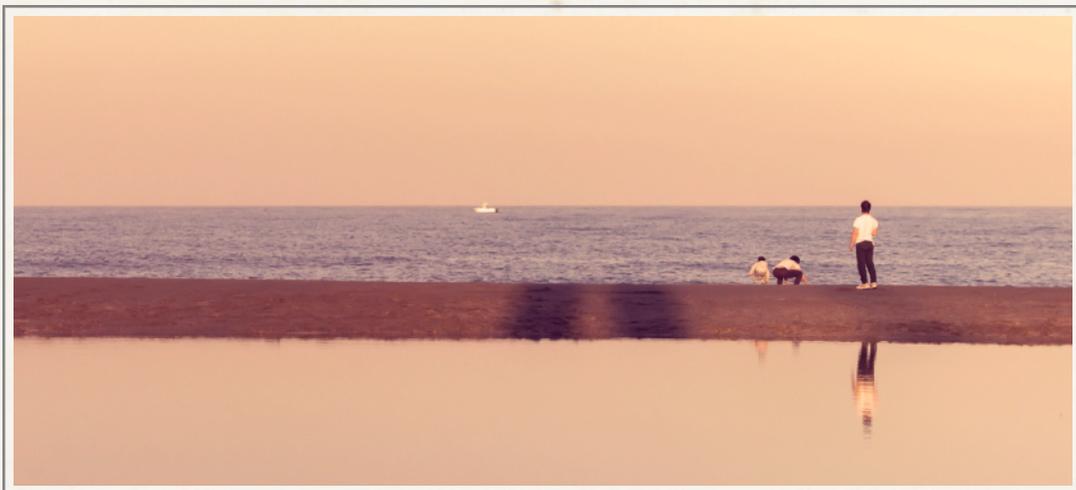
Sor+ Katherine Clunes

O Cordão Franciscano

Fr+ Renato Souza

Editorial

Acreditamos que somos o que procuramos reter e, entretanto, queremos ser o que desejamos apaixonadamente. O materialismo deteriora nossa compreensão dos fenômenos que nos cercam, apesar de estarmos mais informados do que nunca sobre as coisas que acontecem no planeta. Nos acostumamos a processá-los com o fardo de quem se sabe impotente e incapaz de gerar mudanças reais em um mundo de dominação, mas que encontra alívio momentâneo na fuga. Construir um perfil digital, ser uma projeção mais elegante das próprias características, forjar uma armadura entre as pressões da aparência e do poder, parece ser o caminho essencial. Adoramos a imagem curta, fácil de processar, mas de vida curta. É verdade que o futuro depende de nós, mas os sinais de reencontro com a dimensão espiritual do ser humano também deverão ser palpáveis para corrigir nosso caminho. “Ponha em ação a Palavra e não se contente só em ouvi-la, enganando-se a si mesmo. Porque se alguém se contenta em ouvir a Palavra sem pô-la em ação, é como quem contempla a sua imagem no espelho: contempla a si mesmo, mas, ao sair, esquece como é. Por outro lado, aquele que considera atentamente a perfeita Lei da liberdade e se mantém firme, não como ouvinte esquecido, mas como observador dela, que, praticando-a, será feliz” (Tiago 1:22-25).





Simbolismo Templário

Fr+ Sebastián Arratia

1.- Introdução

Esta obra percorre os diferentes símbolos que estão presentes na visão da Ordem do Templo e que se relacionam com tudo o que está presente na experiência humana. Tendo clareza sobre o que é um símbolo e porque existe, é possível descobrir o significado dos elementos que nos rodeiam. Aqui uma interpretação sobre os mistérios que escondem o princípio da polaridade, a espada dos Templários, o lema da Ordem e Nossa Senhora dos Templários do Chile.

2.- Os dois mundos

Existem pelo menos dois mundos nos quais nos desenvolvemos. O mundo manifestado é aquele que percebemos com nossos sentidos, o aqui e agora, regido pelas leis que a ciência descreve. Por outro lado, o mundo não manifesto é o dos princípios universais. O primeiro é o chamado Maya dos budistas, que geralmente é definido como a falsidade do mundo, que nos engana e nos faz acreditar que o material é a única coisa que existe. A verdade é que este mundo não é necessariamente verdadeiro ou falso, pois isso dependerá de onde estivermos. A relação entre os dois mundos se baseia na correspondência

entre os planos da realidade, onde o mundo manifesto é uma expressão do imanifesto. Ou seja, uma causa no não-manifesto produz um efeito no manifesto.

É nesse contexto que nasce o que conhecemos como simbolismo, que visa tomar um princípio ou causa primeira do imanifesto e torná-lo conhecido em nosso plano, ou seja, tomar uma verdade e a conceituar por meio de imagens ou formas para nosso entendimento. O símbolo funciona sempre assim: abaixa algo elevado e torna possível sensibilizar todo conceito inteligível. A parte simboliza o todo e, por ter caráter dual, admite múltiplas interpretações coerentes, pois cada pessoa pode interpretá-las de em diferentes níveis, dependendo de sua habilidade.

3.- A Espada

A espada é o símbolo de reconhecimento do Cavaleiro, pois é o único que pode carregá-la. No mundo ocidental, sempre foi concebida como uma arma de gente nobre, sendo reta, delimita o caminho que seu portador deve percorrer, e é uma arma que pode tanto atacar quanto defender, mas sua função principal é manter o equilíbrio. Uma espada que não está balanceada ou temperada não funciona. É provável que cause danos ao seu portador ou simplesmente se quebrará no momento de ter que cumprir sua função.

Podemos dizer que a espada representa a vontade do cavaleiro, que deve ser firme e reta, alicerçada em princípios e valores. Uma vontade de ferro, de aço. Nem todos podem carregar uma espada, pois é necessário, em primeiro lugar, ter o controle sobre ela, que pode ferir e até matar. Por simbolizar a vontade, é imperativo que o Cavaleiro a tenha controle. A vontade, assim como a espada pode defender a justiça, mas sem controle, muitas vezes pode causar danos irreparáveis.

Com sua forma fálica, a espada representa o princípio masculino, ativo e de combate. Como afirma o objetivo templário de “ser uma espada simbólica da justiça”, devemos agir para mantê-la. Nos falamos sobre a atividade que esse elemento representa. Não podemos ser meros espectadores ou fantoches do acaso; nossa vontade é nossa espada, que nos dirige como um raio de luz para cumprir nossa missão.

Do ponto de vista alquímico, a espada separa o preto do branco, o puro do impuro e os metais do azote filosófico. O Evangelho diz: “Não pensem que vim trazer a paz à terra; Não vim trazer paz, mas espada” (Mateus 10:34). A espada nos ajuda a discernir, identificar e separar.

4.- O lema do Templo

“Non nobis domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam”. Retirado do Salmo 115, o lema que a nossa Ordem conjura desde o seu início representa toda a sua doutrina. “Não para nós, Senhor, não para nós, mas para o Teu nome a glória”, é a expressão de um profundo apreço pelo Pai Universal, no centro e início de tudo. Todo o trabalho de um templário é orientado para o pai. Como não poderia ser assim? Se no Pai temos sustento, por ele temos vida e por ele somos. Agora, por que dedicar tudo a ele? Pode-se dizer que, se temos livre arbítrio é porque devemos usá-lo para fazer o que queremos, para

cumprir nossos prazeres, satisfazer nossos vícios e viver uma vida plena no sentido grosseiro e material. Mas o Cavaleiro entende o que é real e o que não é. Compreenda a sua posição dentro do Universo, sinta a grandeza do Criador e neste ato simples, todos os vestígios de orgulho desaparecem. O que mais podemos oferecer ao nosso Senhor se não for nosso trabalho?

5.- Nossa Senhora dos Templários do Chile

Desde a fundação da Ordem do Templo, especial atenção e louvor foram dedicados a Maria, a mãe de Cristo, que se chamava Nossa Senhora. Este auge foi típico do padrinho e protetor da Ordem, Bernardo de Claraval, que foi um dos pioneiros do culto à Santa Mãe.

A imagem de Nossa Senhora tem vários símbolos. Em primeiro lugar, é o princípio feminino, o princípio passivo e gerador, a grande mãe do mundo, que com a sua cor castanha representa a terra. Como as virgens negras, ela é a Mãe Natureza, a geradora das formas ideais segundo as quais tudo é criado. Seu domínio é o oceano luminoso no qual o pensamento do Criador é refletido, e cujas ondas correspondem às águas superiores do Gênesis.

Se nos aprofundarmos no simbolismo, pode-se dizer que a Virgem representa a terra que foi fecundada pelo Sol e deu seus frutos, neste caso é o menino Jesus, o mais precioso que se pode ter. Todos nós podemos fazer isto; nos o que

PROCESSO DE ENTRADA NA ORDEM DO TEMPLO

Juntar-se à nossa Nobre Ordem da Cavalaria Cristã e servir a nosso Senhor Jesus Cristo é uma das maiores honras que podemos ter. Nosso Departamento de Pessoal mantém constantemente as inscrições abertas para entrar em nossos Prioratos, você só precisa acessar nossas páginas da Web: www.chileordotempli.cl no Chile e www.ordemdotemplobrasil.com no Brasil, seguindo as etapas indicadas em cada página.



devemos fazer: encarnar Cristo, dar à luz o Cristo que está em nós, como a terra que somos.

6.- Conclusão

O propósito deste trabalho foi estimular no leitor o sentimento de busca, de refletir sobre os elementos que vemos constantemente, mas que dificilmente paramos realmente para observar a fim de desvendar suas verdades ocultas. Em qualquer caso, não devemos esquecer que as interpretações dos símbolos mudam de acordo com as capacidades de cada pessoa, e por sua vez as capacidades de cada pessoa mudam com o tempo, melhorando idealmente, embora tenhamos a certeza de que já conhecemos o significado de algo. O adequado é repensá-lo constantemente, pois talvez ele ainda esconda um universo de segredos.



“O símbolo funciona sempre assim: abaixa algo elevado e torna possível sensibilizar todo conceito inteligível. A parte simboliza o todo e, por ter caráter dual, admite múltiplas interpretações coerentes, pois cada pessoa pode interpretá-las de em diferentes níveis, dependendo de sua habilidade”.



Cristo Redentor: Do Turismo ao Simbolismo Cristão

Fr+ Randolpho Radsack

1.- Introdução

O monumento do Cristo Redentor é uma emblemática imagem de Jesus Cristo que imediatamente remete às belezas turísticas do Brasil, especificamente da cidade do Rio de Janeiro. Localizado no morro do Corcovado, o Cristo Redentor é um símbolo do Cristianismo brasileiro que busca representar Jesus de braços abertos para toda a humanidade. Possuindo 38 metros de altura, o monumento recebe diariamente cerca de 5 mil pessoas em visita e 2 milhões de pessoas por ano. Atualmente, o monumento é considerado um santuário e é administrado pela Arquidiocese do Rio de Janeiro.

O presente artigo tem por objetivo destacar as principais características da representação e simbologia do monumento, com a intenção de apontar os aspectos que vão além da simples representação turística da imagem, ressaltando o seu simbolismo e o potencial da prática da fé cristã no Brasil. O monumento destaca a expressão da hospitalidade do povo carioca (moradores da cidade do Rio de Janeiro), recebendo os visitantes de “braços abertos”. O Cristo Redentor foi inaugurado em 12 de

outubro de 1931, dia em que se comemora a padroeira do Brasil, Nossa Senhora de Aparecida.

2.- Desenvolvimento

A imagem do Cristo Redentor é um símbolo peculiar da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Em 2007, o monumento foi considerado pela organização *New Open World Corporation* (NOWC), como uma das sete maravilhas do mundo moderno. Embora várias réplicas estejam espalhadas pelo mundo, a imagem construída no Rio de Janeiro, criou um contexto icônico e cheio de simbolismos. Além de construções similares, a imagem é reproduzida em medalhas, pingentes, fomentando o comércio e o turismo da região.

Muito além de um “cartão postal”, a imagem original do Cristo Redentor se traduz em um símbolo religioso, com sua figura atrelada a vários significados que passam despercebidos pela ótica turística. Nesse sentido, nosso objetivo é destacar alguns detalhes históricos e simbólicos do monumento.

3.- Origens

No ano de 1859, o padre francês Pierre-Marie Boss relatou a pessoas próximas um sonho de construir um monumento religioso na região do monte Corcovado. Residente no Brasil, Pierre-Marie registrou este pensamento em sua publicação denominada “Imitação de Cristo.” A proposta do padre ganhou força décadas depois, na proximidade das comemorações da independência do Brasil, que seria celebrada em 1922. No ano anterior, um concurso para projetos arquitetônicos para a construção do referido monumento foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil naquele momento. O projeto vencedor foi de Heitor da Silva Costa, que curiosamente era judeu. Em 1923, a Arquidiocese do Rio de

Janeiro propôs uma campanha de arrecadação para a construção. O custo total da obra foi de 2.500 contos de réis (moeda brasileira do período), que equivale atualmente em 9,5 milhões de reais (moeda brasileira atual) e 1.183.800.623,053 pesos chilenos.

O projeto contou com a atuação do pintor Carlos Oswald e dos escultores Maximilian Paul Landowsky e Gheorghe Leonida. Landowsky trabalhou diretamente na elaboração das mãos e pés da estátua e Leonida em sua grande parte no desenho da cabeça do monumento. A estrutura foi construída em concreto armado e pedra-sabão. Este tipo de pedra é muito comum no Brasil. Além da beleza, a pedra-sabão é altamente resistente à erosão. Para a composição do Cristo Redentor, foram esculpidas milhares de formas triangulares em pedra-sabão para serem coladas em um tecido e, posteriormente, aplicadas na imagem. As peças triangulares são chamadas de tesselas. O objetivo de sua utilização é proteger a estrutura de concreto armado. A maior parte da estrutura da obra foi concretada no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

O monumento retrata Cristo de braços abertos formando uma cruz. Ao todo, a obra possui 38 metros de altura sendo produzida em pedra-sabão. Sendo construído no Brasil, apenas a cabeça e mãos foram moldadas em Paris. Em sua parte interior, a obra apresenta alguns detalhes. Com escadarias internas, um coração

de 1,30 metros separa os acessos dos braços e cabeça.

O Cristo Redentor foi inaugurado em 12 de outubro de 1931, sendo um grande símbolo turístico, de peregrinação cristã e de representatividade para a cidade do Rio de Janeiro. Por estar situada em um dos pontos mais altos da cidade, a estátua recebe inúmeras descargas elétricas por conta das tempestades. Com isso, a estrutura das extremidades é comumente danificada. Assim, a estátua passa por constantes restaurações.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil, o monumento do Cristo Redentor é atingido por raios seis vezes por ano. Em janeiro de 2014, a mão direita do monumento sofreu uma avaria significativa em virtude de um raio de grande amplitude.

4.- Simbolismo

Além das questões referentes ao turismo e a representatividade da cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor é uma obra que exacerba o sentimento religioso do povo brasileiro. Se adequando perfeitamente à bela paisagem, a obra foi idealizada como expressão da divindade de Jesus Cristo e das riquezas do mistério pascal. Alinhado à “redenção do Cristo”, o monumento possui importantes significados religiosos para os católicos do Brasil e do mundo.

LOCAIS DE ADORAÇÃO, NECESSIDADE PERSONALIZADA OU GENÉTICA?

Desde que o ser humano iniciou sua peregrinação ao redor do planeta, ele teve a necessidade de estabelecer locais sagrados de culto. As primeiras eram simples pedras empilhadas e depois eram construções básicas, terminando em construções monumentais como Stonehenge e as Pirâmides, entre outras. O objetivo principal dessa conduta foi aproximar as pessoas e, assim, formar um espírito, uma egrégora ou consciência comum ao grupo, onde as intenções da sociedade estavam corporificadas. Além disso, serviram de incentivo para a realização das obras que a classe dominante propôs. Além disso, ainda hoje esses lugares são usados para a celebração de várias cerimônias. Isso se deve a uma necessidade interior incontrolável?



A presença integral da eucaristia: Abaixo do monumento do Cristo, uma capela especial foi construída. Seguindo a tradição católica, a hóstia consagrada permanece integralmente nas dependências da capela, com o intuito de representar o “cristo vivo sacramentalmente”. Assim, a permanência integral da hóstia consagrada na capela tem o objetivo de “vivificar” a estátua do Cristo, tornando-a fonte e centro de vida cristã. De acordo com a prática católica, a capela abaixo do Cristo mantém viva a presença de Jesus.

Posicionamento do Cristo: A imagem do Cristo Redentor se encontra de braços abertos para a Baía da Guanabara. A orientação de seu posicionamento está configurada da seguinte maneira: na parte frontal, o monumento aponta para o Leste, o braço direito para o Sul, o esquerdo para o Norte e a parte traseira para o Oeste. Segundo a tradição católica da região, o posicionamento orienta os peregrinos através do formato de cruz, além de formar uma posição estratégica em direção às belezas naturais do Rio de Janeiro.



A Ressurreição do Cristo: Mesmo que de maneira discreta, a imagem do Cristo Redentor traz consigo a marca do sofrimento, seguido da ressurreição. A marca da crucificação se encontra nas mãos do monumento. Contudo, é uma imagem de Cristo que não se encontra crucificado. Verifica-se a marca do sofrimento em suas mãos. No entanto, o contexto evidencia o Cristo ressuscitado e de braços abertos. As chagas nas mãos de Cristo simboliza a vitória diante da crucificação e, conseqüentemente, a redenção da ressurreição. Ao mesmo tempo em

que simboliza a vitória sobre a morte, simboliza a vida eterna na concepção cristã.

O coração do Cristo Redentor: Também de maneira discreta e quase imperceptível, um coração na parte externa foi esculpido na imagem. Com a perspectiva da veneração da imagem do Sagrado Coração de Jesus, o monumento destaca a intenção da reparação amorosa a Jesus, não com a perspectiva da idolatria, mas com a representação dos principais aspectos rituais que destacam o sofrimento da crucificação e a vitória da ressurreição. De acordo com a proposta da construção do monumento, o coração exposto simboliza o amor pleno de Cristo sobre toda a humanidade. Um amor que não só se realizou em palavras, mas na concretização de sua entrega na cruz.

Doze operários, doze apóstolos: O monumento foi construído por doze operários. Simbolicamente, a participação do mesmo número de apóstolos, nos remete ao histórico dos doze homens que conheceram Jesus e difundiram sua mensagem para a humanidade. Assim, doze operários conheceram o projeto do monumento e construíram o ícone de uma cidade atrelada ao marco simbólico do cristianismo na região.

A conversão de seu construtor: Um dos responsáveis pela construção do monumento, o arquiteto Heitor Levy, era judeu. Ao pesquisar e se aprofundar no significado e no simbolismo do Cristo Redentor, Levy se converteu ao Cristianismo. De acordo com o seu testemunho, o tempo, as dificuldades e as vitórias empreendidas na construção do monumento, acabaram por significar não apenas a construção



uma simples obra. Na verdade, o arquiteto percebeu que estava construindo uma imagem que possuía profundo significado no coração dos cristãos. Se tratava da representação de um personagem que, de fato, dividiu a história da humanidade. O impacto que a imagem do Cristo causava na vida das pessoas, acabou por impactar o coração de Levy, concretizando sua conversão ao Cristianismo. Ao construir o coração na parte interna do Cristo, Levy inseriu um frasco de vidro com um pergaminho contendo toda a sua genealogia familiar.

O olhar e o abraço de Jesus para os fiéis: Conforme o projeto inicial, a cabeça do Cristo está levemente inclinada para baixo. Estando a exatos 710 metros acima do nível do mar, o monumento dá a impressão de que Jesus olha pelos moradores do Rio de Janeiro. Contudo, a intenção do monumento reproduz a ideia do Cristo que, ao subir aos céus em sua redenção, olha e protege para toda humanidade. Na mesma perspectiva da imagem, os braços abertos de Cristo, simbolizam o acolhimento, a recepção e o amor de Jesus para com os seus seguidores. Mesmo em um formato que lembra o posicionamento da crucificação, a percepção do monumento demonstra o afeto e o amor de Cristo para com seus irmãos e irmãs.

5.- Considerações Finais

O Cristo Redentor é um importante monumento religioso e cultural do Brasil. A estátua destaca a beleza em formas e materiais. Os braços abertos de Jesus remontam o símbolo sagrado da cruz latina. Por uma tradição do catolicismo, as estátuas possuem uma forte função simbólica. Essas estátuas são comumente utilizadas como expressão de crença. Esta representação pode estar atrelada à caminhada cristã de um indivíduo ou até mesmo de Jesus Cristo. A figura de Cristo, associada à forma de cruz no topo de uma montanha, traz uma forte lembrança da crucificação, da face humana de Jesus e de sua ressurreição. A proposta de um monumento nesses parâmetros tem por objetivo rememorar e trazer à comunidade a lembrança integral da caminhada de Jesus e de sua mensagem para todos os cristãos.

“Mesmo que de maneira discreta, a imagem do Cristo Redentor traz consigo a marca do sofrimento, seguido da ressurreição. A marca da crucificação se encontra nas mãos do monumento. Contudo, é uma imagem de Cristo que não se encontra crucificado. Verifica-se a marca do sofrimento em suas mãos. No entanto, o contexto evidencia o Cristo ressuscitado e de braços abertos”.



Encontro Templário com o Priorato de Arequipa

O sábado 24 de abril foi um dia de contato fraterno para os Templários de dois países vizinhos, Chile e Peru. Nosso Gran Priorato Templário do Chile se reuniu com o Priorato de Arequipa, fundado em 2014 sob os auspícios do Gran Priorato Magisterial do Peru, a convite do Chile para a participação de Arequipa em uma Reunião de Capítulo Aberta.

A nomeação se deu devido aos princípios e objetivos de crescimento espiritual compartilhados por ambas as instituições, bem como a disposição de cultivar um diálogo interamericano que reflita os ideais promulgados pela antiga União Templária Latino-Americana. Nesse sentido, a representante de Arequipa, Sor+ Enma Chávez de Flores, fez um apelo para que a obra Templária transcenda o tempo e as distâncias para cobrir o continente com sua luz.

O encontro será o primeiro de uma série de encontros ao longo do ano. Nele, o GPTC apresentou alguns elementos regulares de cada Capítulo, bem como uma apresentação especial das normas com as quais realiza o seu plano de educação integral, de acordo com os diferentes graus da Ordem.

Gran Priorato do Brasil: Avanços na Educação Virtual

O Gran Priorato Templário do Brasil vem desenvolvendo suas atividades em sistema virtual desde o início da pandemia. Tendo o país desenvolvido um dos piores quadros mundiais em relação ao Coronavírus e suas consequências, é de extrema importância que todos os cuidados necessários sejam tomados em respeito à vida.

Além das reuniões regulares conforme o calendário anual, o processo de formação a distancia dos postulantes do GPTB vem obtendo sucesso, uma vez que as iniciações de noviços não podem ocorrer. As reuniões virtuais de formação são realizadas com um cronograma específico e com temas que podem ser trabalhados e desenvolvidos anteriormente ao processo de iniciação.

Em parceria com o Gran Priorato Templário do Chile, há um constante trabalho no que diz respeito ao alinhamento das propostas e à equidade do processo de formação de seus membros. Para mais informações acesse o site: www.ordemdotemplabrasil.com

**Non Nobis Domine
Non Nobis Sed Nomini
Tuo Da Gloriam**

Siddhis e Gunas, Visão Iniciática

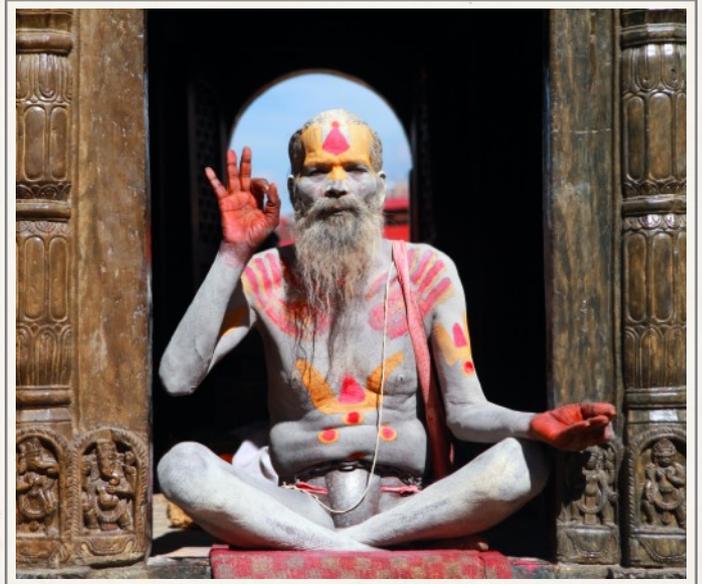
Fr+ José Fajardo

1.- Introdução

O termo "siddhi" vem do sânscrito e significa "perfeição", conquista ou sucesso. Siddhis são poderes, habilidades e realizações materiais, paranormais, sobrenaturais ou mágicos adquiridos por vários meios. Por outro lado, "guna" é uma palavra sânscrita que significa "cordão" ou "corda", mas pode ser traduzida como "qualidade". Os gunas são três características da matéria e da mente ou, em outras palavras, são as três qualidades que compõem o Universo. Siddhis e gunas correspondem ao Princípio da Mentalidade, principalmente na mentalidade do ser humano. Os siddhis, segundo a literatura consultada, apontam para o desenvolvimento da mente que se aplica como resultado no plano físico individual, enquanto os gunas são as qualidades mentais que, de certa forma, definem o comportamento humano em sociedade.

2.- O princípio da mentalidade

Para compreender o princípio da mentalidade, é possível referir-se ao que é conhecido como Kibálion. A origem deste conjunto de ensinamentos está envolta em lendas, como é tradicionalmente atribuído a Hermes Trismegistus (o três vezes grande), originalmente uma simples transfiguração do deus egípcio Thot, mas que mais tarde foi considerado um sábio egípcio por milhares de anos atrás, contemporâneo de Abraão. Parece que o conhecimento do Kibálion foi inicialmente transmitido oralmente, e que foi transferido do Egito para a Grécia, onde começou a ser escrito.

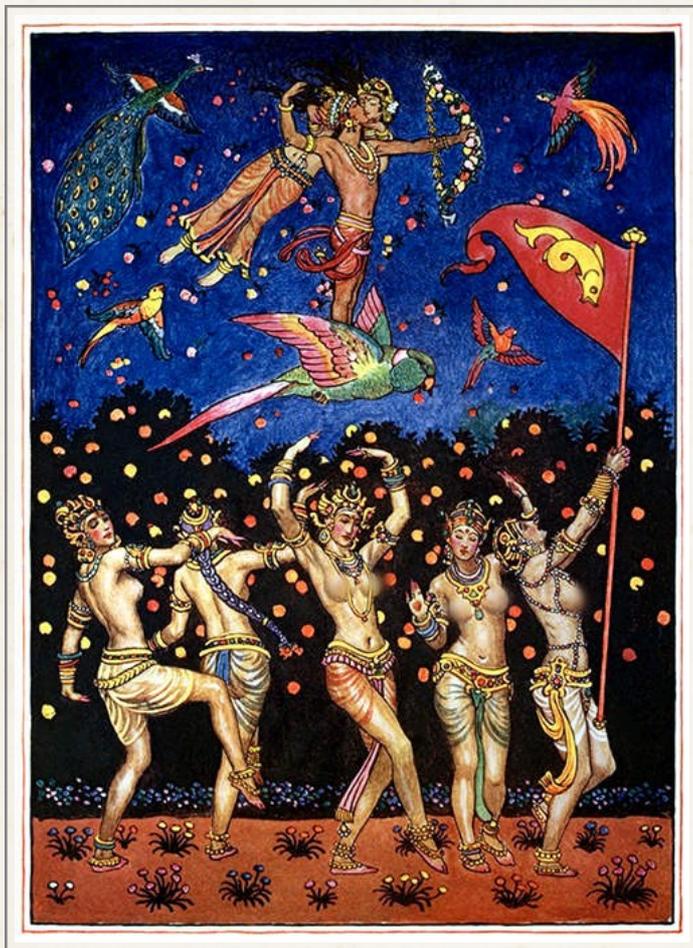


Não é estranho supor, portanto, que a própria palavra foi adaptada para o grego. Em grego, *kybernetes* significa "timoneiro", então se pode pensar que Kybalion significa "guia ou governo", entendendo este conceito em termos do caminho do Iluminismo, da sabedoria.

De Hermes Trismegistus surgiu o hermetismo, tradição filosófica e religiosa de longa data, baseada principalmente em textos atribuídos a este pensador, e que se caracterizou como uma corrente de pensamento muito secreta, ou melhor, escondida dos não iniciados. O livro "O Kybalion" surgiu publicado em 1908, sob a autoria de três personagens a quem é atribuído o pseudônimo "Os três iniciados", e apresenta de forma sintetizada as sete leis ou axiomas que, segundo a filosofia hermética, são à base da Natureza. Esses axiomas são:

- Mentalismo: O Tudo é mente, o Universo é mental. O Todo é o conjunto totalizante. Não há nada fora do Todo.
- Correspondência: como acima, abaixo; como está dentro, está fora. Este princípio se manifesta nos três grandes planos: o Físico, o Mental e o Espiritual.
- Vibração: nada é imóvel, tudo se move, tudo vibra.

- Polaridade: Tudo é duplo, tudo tem dois pólos; tudo, seu par de opostos. Semelhante e antagonistas são iguais, os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau. Os extremos se encontram: todas as verdades são meias verdades e todos os paradoxos podem ser reconciliados.
- Ritmo: tudo flui e reflui, tudo tem seus períodos de avanço e recuo, tudo sobe e desce, tudo se move como um pêndulo. A medida de seu movimento para a direita é a mesma de seu movimento para a esquerda; ritmo é compensação.
- Causa e efeito: toda causa tem seu efeito, todo efeito tem sua causa; tudo acontece de acordo com a lei. Sorte ou acaso nada mais é do que o nome dado à lei não reconhecida; existem muitos planos de causalidade, mas nada escapa à lei.



- Gênero. O gênero existe em todos os lugares. Tudo tem seu princípio masculino e feminino; gênero se manifesta em todos os níveis. No plano físico está a sexualidade.

Como observado, o Tudo é mente, o Universo é mentalidade. É um axioma que no livro "O Kybalion" é desenvolvido em cinco capítulos, nos quais se destaca o conceito de transmutação mental. Na doutrina hermética, o termo "transmutação" se refere ao processo alquímico de conversão de elementos inferiores em superiores, como o chumbo em ouro. Porém, na doutrina iniciática deve-se dar atenção à transmutação mental, entendida como a arte de mudar as condições do Universo em termos de efeitos práticos, ao longo de um caminho de mente, energia e matéria.

3.- O que são siddhis?

Comunicando-se mentalmente com os outros, vendo com o pensamento o que está acontecendo em lugares distantes, prevendo eventos futuros, levitação, materializando objetos, todas essas ações são descritas como "poderes psíquicos" por alguns e também "poderes mágicos" por outros. Nas antigas escrituras sobre Buda, está escrito que ele era capaz de feitos incríveis: ele podia brilhar, levitar e ler mentes. Por muito tempo, e estudiosos da história de Buda pensaram que aqueles que falavam assim só queriam exaltá-lo, mas que esses poderes eram uma fantasia ou uma metáfora. No entanto, com uma mente aberta, é possível pensar que Buda possuía esses poderes devido à sua prática de Yoga.

Os poderes mencionados têm um nome preciso na antiga tradição do Yoga: são os siddhis, também chamados de "conquistas" ou "perfeições" do Yoga. São habilidades extraordinárias que, segundo a literatura clássica sobre o assunto, são desenvolvidas por

meio de intensa prática espiritual, até atingir um estado superior de consciência. Eles se manifestam como um aumento progressivo da intuição e como premonições que se tem, por exemplo, ao antecipar um telefonema ou intuir um perigo iminente antes que ocorra um acidente. Siddhis são habilidades verdadeiramente incomuns.

Já o Yoga comum mais difundido é aquele que visa exclusivamente a melhoria da qualidade de vida de quem o pratica, por meio do exercício físico e da meditação. Porém, quando o caminho do Yoga descrito em antigos textos hindus, mais espirituais e contemplativos, é seguido, outro objetivo é perseguido: a realização do Samadhi, uma experiência mística particular de transcendência das limitações do corpo. O objetivo do Yoga é alcançar a união da consciência com a Mente Universal.

Presumivelmente, conforme o iniciado avança neste caminho, os siddhis aparecem progressivamente, de acordo com os mestres espirituais da Índia. Os Siddhis devem ser tomados apenas como prova ou confirmação de que você está evoluindo espiritualmente na direção certa. Assim, a culminação do Samadhi daria acesso a todos os siddhis possíveis, quase como um efeito colateral da realização de uma mente transcendida.

4.- Vedas e siddhis

"Veda" é um termo sânscrito que se traduz como "conhecimento", e os quatro textos mais antigos da literatura indiana, a base da religião védica, anterior à religião hindu, são conhecidos como Vedas. No Rig Veda, o mais antigo dos quatro, datado de 1.300 a.C., são mencionados os poderes físicos e psíquicos de sábios, reis e mágicos, que se moviam de um lugar para outro por vastas distâncias tanto por terra quanto por estrada. Assim, na epopeia do Mahabharata, é contado como o sábio Narada visitava o Monte Meru diariamente, considerado o eixo do

mundo, e como outros sábios faziam a mesma demonstração de força e habilidade psíquica.

Mircea Eliade, filósofo e historiador das religiões, escreve sobre isso em seu livro "Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase": "A ascensão e o voo mágico ocupam um lugar de primeira ordem nas crenças populares e técnicas místicas da Índia. Na verdade, voar alto, voar como um pássaro, cruzar distâncias imensas em um relâmpago, desaparecer, etc., são alguns dos poderes mágicos que o budismo e o hinduísmo conferem a reis e mágicos".

As primeiras menções sobre os siddhis nos Vedas teriam continuidade na figura de Patañjali, um filósofo da Caxemira do século III a.C. muito influente no pensamento hindu e, para muitos, o fundador do Yoga. Patañjali é reconhecido como o criador dos Yoga Sutras, que é o texto mais antigo conhecido que faz menção explícita aos siddhis. É um conjunto de 195 aforismos (sutras) divididos em quatro livros, dos quais o terceiro se dedica a explicar como atingir 25 dessas faculdades, número que não é claro, dada a ambiguidade dos sutras. O texto reúne todos os elementos necessários que, na opinião de Patañjali, são a chave para um iniciado alcançar a liberação espiritual.

Os siddhis são tão numerosos quanto os vários textos interpretativos do Rig Veda. Aqui está um trecho daqueles mencionados no texto dos Ioga Sutras de Patañjali:

1. Conhecimento do significado dos sons produzidos por todos os seres. Uma forma de clarividência ou telepatia que se estende além da mente humana e inclui animais e outras espécies.
2. Conhecimento de mentes. É conhecido pela telepatia.
3. Conhecimento prévio do nascimento, lesão ou morte. Já foi mencionado como premonições.
4. Amor. Pode ser interpretado no sentido de que, quando alguém está imbuído de

alegria, esse estado pode induzir sentimentos semelhantes em outras pessoas.

5. Conhecimento à distância. Isso implicaria clarividência e conhecimento das coisas ocultas.
6. Conhecimento do universo externo.
7. Conhecimento do universo interno. Conceito ontológico.
8. Conhecimento da composição e coordenação das energias corporais.
9. Livre de fome e sede.
10. Estabilidade, equilíbrio ou saúde excepcionais. O conhecimento máximo da mente e do corpo que permite a autocura.
11. Influência em outras pessoas. A capacidade de transmitir energia espiritual a outras pessoas por meio do olhar ou da presença. Este é um fenômeno cientificamente conhecido como "interações mentais distantes com sistemas vivos".
12. Levitação. Capacidade de subir superando a força da gravidade.
13. O menor (Anima). Capacidade de se tornar menor que o menor, reduzir o corpo ao tamanho de um átomo ou até mesmo se tornar invisível.
14. Brilho ardente. A sua interpretação é diversa: como a capacidade de brilhar, como uma capacidade digestiva que permite comer grandes quantidades de alimentos ou resistir a substâncias tóxicas sem danos, ou como um controle das energias corporais.



15. Clariaudiência. Este siddhi permite ouvir as conversas dos iluminados, as conversas mentais dos outros e a música celestial, e receber mensagens como se fossem faladas.
16. Liberdade da consciência corporal e dos apegos temporais. É interpretado como uma forma de percepção extra-sensorial.
17. Domínio dos elementos. Este siddhi permitiria a manipulação da matéria ao ponto de materializar as coisas do nada.

Patañjali explica que os siddhis são o resultado de uma prática integral e que isso deve combinar concentração, meditação e paz espiritual. A integração dessas três variáveis, juntas, resultará em um estado de consciência superior no qual os siddhis serão uma possibilidade.

Agora vale a pena perguntar: como você consegue siddhis? Patañjali nos Ioga Sutras aponta: "Os poderes mentais podem ser

OS LUNG-GOM-PA

Os tibetanos chamam de Lung-gom-pa ("pés leves") a força de correr tão rápido, que permite cobrir grandes distâncias em poucas horas. Diz-se que isso requer três anos e três meses, durante os quais o monge Lung-gom-pa aprende exercícios respiratórios e técnicas de ioga para iluminar o corpo. Depois de intensa prática, o discípulo pode até sentar-se em uma espiga de cevada sem dobrá-la. Mas, eventos aparentemente sobrenaturais não são apenas uma coisa do Tibete. No século 16, o oficial espanhol Juan Polo de Ondegardo escreveu que os sacerdotes incas podiam voar sobre as árvores. Três séculos depois, Adolphe Papetard, um missionário francês, afirmou ter testemunhado a mesma habilidade em feiticeiros do Oregon.



alcançados por meio do nascimento, repetição de mantras, dor ou Samadhi" Distanciando-se do próprio Yoga, outra forma de adquirir siddhis seria obtendo um alto grau de espiritualidade, como seria no caso de místicos e santos de outras religiões. Existem várias referências a isso, começando na Bíblia com Jesus andando sobre as águas, transformando água em vinho ou multiplicando peixes; e continuando com as mensagens que Maomé recebeu em seus sonhos, segundo o Alcorão, com ou as levitações de santos católicos em estado de oração, como São Martin de Porres, São Francisco de Assis e São José de Cupertino, entre outros. Outras formas alternativas de obtenção de siddhis são a construção de complexos diagramas geométricos



Pintura de Patañjali, a quem se atribui a autoria do Yoga-Sútra (Llave, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>>, via Wikimedia Commons).

chamados "yantras", a reiteração de mantras combinada com posturas corporais e a ingestão de ervas com propriedades psicoativas.

A crença na existência desses poderes sobrenaturais e de outros semelhantes é que é algo presente na mística de todas as religiões e em algumas filosofias não religiosas. Alguns os definem como milagres e outros como poderes psíquicos naturais desenvolvidos por pessoas iluminadas, de grande sabedoria. No entanto, esses fatos não são fáceis para todos admitirem, então os siddhis, conforme descritos no Yoga, são frequentemente desprezados e até mesmo ignorados. Qualquer que seja a maneira pela qual você desenvolva essas habilidades extraordinárias há uma coisa que elas têm em comum: os siddhis nunca são um objetivo, mas apenas uma consequência. Na verdade, em todas as tradições, eles são descritos como um perigo no caminho para a consciência superior de Samadhi, uma vez que o uso dessas faculdades leva ao aumento do ego. O seguinte conto tibetano serve para ilustrar essa afirmação:

Nas margens de um rio vivia um asceta que andava sobre as águas apenas para ser admirado por elas. Um dia, um monge de uma cidade vizinha passou; o asceta correu ao seu encontro e disse: "Há anos tenho me exercitado muito espiritualmente. Fiz jejuns e penitências rigorosos e finalmente consegui andar sobre as águas". O monge apenas respondeu: "Amigo, você só desperdiçou anos, não vê que tem um barco ali perto de você?"

Finalmente, em relação aos siddhis, a ciência moderna considera que não há evidências suficientes sobre esses fenômenos. Para a maioria dos cientistas, esses poderes são considerados simplesmente superstições, usados exclusivamente para promover a fé religiosa. Na melhor das hipóteses, seriam exemplos de esquizofrenia, alucinações, sugestão ou auto-hipnose. A crença nessas faculdades mentais é puramente pessoal.

5.- Quais são os gunas?

As escrituras Védicas indicam que o Universo tem três qualidades primárias e que elas são as forças principais da Mente Cósmica que determinam nosso crescimento espiritual.

Essas três qualidades básicas ou componentes sutis do Universo são chamados de "gunas", um termo sânscrito que significa "aquilo que liga", mas que também é traduzido como "atributo", "qualidade" ou "corda" (que constitui o "tecido" da criação). Os filósofos hindus sustentam que toda matéria e substância têm essas três qualidades ou atributos fundamentais, e que seus nomes são Sattva, Rajas e Tamas. Nos seres humanos, os gunas são os poderes da alma que mantêm a matéria, a vida e a mente. São energias que atuam em nossa mente superficial e em nossa consciência profunda. Um não pode existir sem o outro. Eles estão presentes em diferentes graus, do material ao sutil, incluindo a mente e a energia do Universo.

As vibrações emitidas por qualquer coisa dependem do componente básico sutil que predomina nela. Embora as três gunas estejam sempre juntas, a proporção e o grau de concentração de cada uma variam. O predomínio de um guna indica a constituição mental da pessoa, sua forma de agir. Da mesma forma, esses componentes influenciam o comportamento das coisas e estão sujeitos às leis da Alternância, Interação Permanente e Continuidade.

Sattva é harmonia, equilíbrio e tranquilidade. É o equilíbrio entre atividade e paz. Seu predomínio na pessoa é caracterizado pela felicidade, alegria e virtudes como paciência,



perseverança, capacidade de perdoar e desejo de viver espiritualmente, entre outras. É o princípio de clareza e amplitude, da força do amor que une todas as coisas. Em um nível físico, sattva é equilíbrio e em um nível mental, sabedoria. Uma pessoa

sáttvica é muito difícil de identificar, porque eles são tão humildes que não deixam saber que sattva domina suas vidas. Psicologicamente, eles são gentis, calmos, alertas e atenciosos.

Rajas é dinamismo, ação, paixão, violência, turbulência e ganância, entre outros. É a qualidade da mudança, o componente que fornece o combustível para os outros dois e causa a ação. É quando a mente está inquieta e incontrolável, com uma tendência constante para agir. Um excesso dessa qualidade produz estados mentais e emocionais perturbados. As consequências de uma ação rajásica e egoísta são dolorosas e levam ao sofrimento. Em um nível físico, rajas é atividade e em um nível mental, paixão. Dependendo se uma pessoa é predominantemente sáttvica ou tamásica, rajas é o componente sutil básico que determinará as ações relativas de sattva ou tamas. Pessoas rajásicas trabalham excessivamente. Na maioria das vezes, são pessoas ricas que se preocupam muito com seus bens materiais. Eles farão qualquer coisa por dinheiro. Eles vivem de forma egoísta, atormentada, agitada e emocionalmente perturbada. Eles oscilam entre a euforia e a depressão. Eles estão inquietos e ansiosos.

Por fim, Tamas é apatia, inércia, matéria, ignorância, escuridão e negligência. Este componente é o mais baixo dos três. Seu domínio em uma pessoa se manifesta em

preguiça, ganância e apego aos assuntos mundanos. Isso traz insensibilidade e decepção mental. No nível físico, Tamas é estagnação e, no nível mental, inércia. Tamas tem um movimento descendente que produz desintegração e decadência, principalmente nas relações humanas. Psicologicamente, está associado à escuridão e ao desapontamento. Uma pessoa tamásica realmente não faz nada. Você acorda tarde, come e geralmente bebe álcool o dia todo. É preguiçoso e ignorante. Ele não está interessado em aprender nada e geralmente leva muito tempo para tentar mudar sua mentalidade. Ele recusa suas atividades e não se interessa muito pelas outras pessoas. Eles são pessoas autodestrutivas ou que realizam atividades autodestrutivas.

Ao contrário dos siddhis, que se destinam a alguns iniciados, os gunas estão em cada um de nós. Desde antes de nosso nascimento, eles governam nossa consciência e, por extensão, nossos pensamentos e ações. Os gunas impulsionam a maneira como nos comunicamos com os outros e governam nosso comportamento na sociedade. A verdade é que os gunas não são estáticos, pois se movem entre si. Eles se controlam e agem entre si tentando fazer prevalecer os atributos que os distinguem. Há uma história que costuma ser contada para explicar melhor os gunas:

Os três gunas são como três ladrões que atacam um homem na floresta. Tamas quer matá-lo, mas Rajas a convence a simplesmente roubá-lo e deixá-lo amarrado. Sattva aparece depois de um tempo e desata o homem, guia-o pela floresta e mostra-lhe

o caminho de volta para casa. Então Sattva vai embora. Por ser também ladrão, ele teme que a polícia o pegue; essa polícia é Deus.

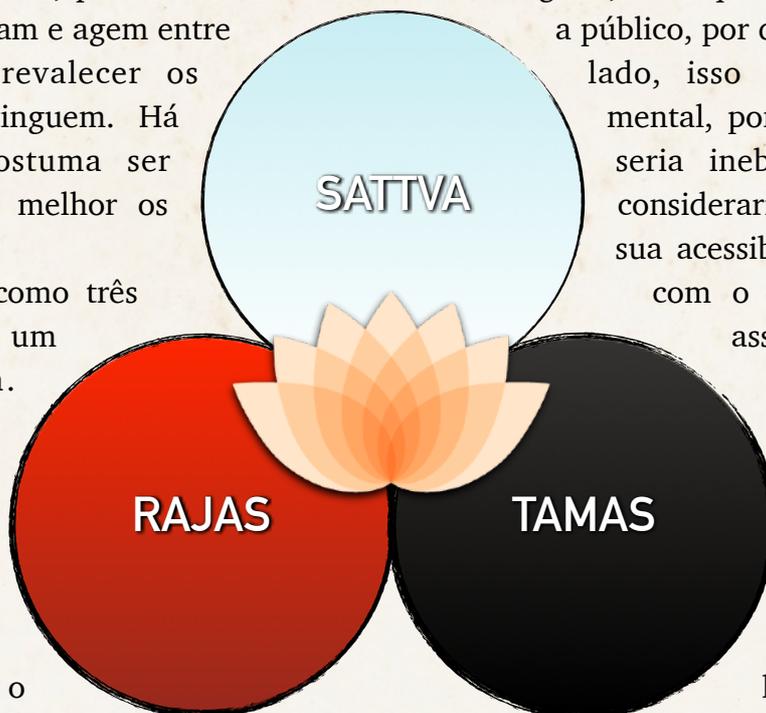
Tamas deseja destruir o homem, Rajas o liga ao mundo e suas coisas materiais e ilusórias, roubando-lhe as coisas espirituais, e Sattva lhe mostra o caminho para a liberação.

6.- Palavras finais

Siddhis são um grande desafio, especialmente aqueles que são maiores do que a vida; aqueles que desafiam o envelhecimento e até a morte. Por quê? Porque todos esses sábios, iogues e professores ancestrais, eles envelheceram e morreram. Os siddhis são reais? De uma perspectiva pessoal, acho que eles existem, a um ponto em que ainda estão ao alcance humano: maior articulação da linguagem, pensamento mais claro, mais rápido, mais nítido e um tanto expansivo, resistência à doença, envelhecimento retardado, maior força, um desenvolvimento de sincronicidades dos sentidos e um exercício de exorcização de demônios internos, entre outros. Se existem aqueles que possuem esses dons mágicos, acho que eles não gostariam de ir

a público, por diferentes razões. Por um lado, isso enganaria sua prática mental, porque a adulação pública seria inebriante. As pessoas os considerariam anormais, perdendo sua acessibilidade de comunicação com o vizinho. As pessoas os assediariam para qualquer necessidade pessoal.

Se o orgulho pessoal ou a ganância fazem com que o iniciado seja seduzido pela tentação de demonstrar suas habilidades, o caminho para a Iluminação está corrompido, pois



Os Três Gunas: Sattva, Rajas e Tamas



requer muito mais disciplina do que o simples desenvolvimento de poderes mentais. Talvez por essa razão, os siddhis devam servir apenas como um sinal de que um certo estágio de crescimento interno foi alcançado. Tanto nos siddhis quanto nas gunas, o conceito de mentalidade está sempre presente; e não poderia ser de outra forma, porque os conceitos descritos vêm da antiga sabedoria védica, que é orientada para a adoração mental. O iniciado tem que usar sua energia mental para fazer prevalecer o Sattva interior, com energia, conhecimento e autodisciplina, que são os pilares fundamentais do Código Templário.

“O termo ‘siddhi’ vem do sânscrito e significa ‘perfeição’, conquista ou sucesso. Siddhis são poderes, habilidades e realizações materiais, paranormais, sobrenaturais ou mágicos adquiridos por vários meios. Por outro lado, ‘guna’ é uma palavra sânscrita que significa ‘cordão’ ou ‘corda’, mas pode ser traduzida como ‘qualidade’”.

A Importância do Equilíbrio Energético

Sor+ Katherine Clunes

1.- Introdução

O equilíbrio energético é uma atividade que exige um exercício constante de consciência e autoconhecimento, que cada pessoa em busca do seu desenvolvimento integral deve incorporar no seu trabalho diário, pois faz parte das nossas necessidades como indivíduos que buscam se conectar com o que nos transcende.

2.- O que é energia?

Energia é a substância fundamental sobre a qual tudo o que é real é constituído, e é uma substância que pode existir de diferentes maneiras. O magnetismo, por exemplo, é um campo de energia criado por todas as coisas vivas, desde plantas e animais até planetas. Este magnetismo, posteriormente vinculado ao conceito de energia, recebeu diversos nomes ao longo da história da Humanidade. É o Espírito Santo no Cristianismo, a energia de cura no Reiki, Chi no Oriente e o Agente Universal para ocultistas, entre outras denominações. Isso permitiu que leigos e iniciados explicassem essa torrente que sempre está presente em nosso meio.

Por estar contida em tudo que nos rodeia, a energia é algo que respiramos e saboreamos, enquanto sentimos suas correntes ao nosso redor como parte de nossa experiência individual. A obrigação do iniciado é tomar consciência da sua importância e influência em todas as áreas da vida, pois desta forma torna-se possível trabalhar com ele, de forma a gerar um ambiente melhor à nossa volta, tendendo à preservação de um equilíbrio que beneficia não



apenas a nós mesmos, mas também àqueles que nos rodeiam.

3.- Tipos de energia

É importante que, ao tomarmos consciência da presença de energia, desenvolvamos nossa capacidade de identificar sua polaridade, pois ela possui diferentes raízes por meio das quais podemos diferenciar as energias sutis das densas. As primeiras são aquelas dos planos superiores mais próximos do transcendental. Para entender graficamente, podemos dizer que vem dos céus e é o orvalho áurico que banha nosso planeta. Estas últimas correspondem às energias inferiores que vêm do centro de nossa terra e que tendem a aumentar a carga do meio em que estão presentes, razão pela qual as interações tendem à negatividade e ao conflito. Aqui está a importância de reconhecer essas diferenças e gerir nossos conhecimentos na busca da elevação energética de nossos ambientes, familiares, sociais, de trabalho, etc.

4.- Como alcançar o equilíbrio energético

Para atingir o equilíbrio energético, é importante realizar trabalhos que visem identificar a nossa anatomia energética. Como as correntes orientais bem investigaram, o ser humano possui diferentes pontos de energia que devem ter certa carga vibracional para manter o equilíbrio. Há sete pontos aos quais devemos

prestar atenção e que são identificados por uma determinada cor, que vibra na frequência necessária para dizer que esse ponto está em equilíbrio.

De baixo para cima, temos o primeiro vórtice de energia, o sacro, que está associado à cor vermelha. Em seguida, temos o fígado, que está localizado próximo ao centro do estômago, dois dedos acima do umbigo, cuja cor é amarela. Depois, temos o plexo solar, cuja vibração é a mesma da cor laranja; o coração, que é verde; a garganta que é violeta; a sobancelha que é azul e finalmente, e o mais próximo do divino, o centro da coroa, que é visualizado na cor índigo, o azul escuro do céu noturno.

Para atingir o equilíbrio desses pontos ou vórtices de energia, devemos realizar, na medida do possível, uma meditação diária na qual visualizamos que em cada um desses pontos, essas cores são ativadas de forma vívida. Assim, elevamos seu nível vibratório e ativamos seu alinhamento e equilíbrio interno. Ora, não basta apenas manter o equilíbrio de nossos pontos de energia para afirmar que estamos em equilíbrio, pois também é de extrema importância conseguir por sua vez manter nossos pensamentos e emoções em temperança e clareza, pois equilíbrio energético é estabilidade do ser humano em todas as suas dimensões.

O trabalho para atingir este objetivo é árduo e exige método e perseverança, pois o meio ambiente, na maioria das vezes, nos incentiva a não trabalharmos em nossos processos internos, prendendo-nos na preguiça ou no hedonismo, vícios que enrijecem nossos fluxos tanto internos quanto universais.

5.- Conclusão

Como vimos nas linhas anteriores, a energia está presente em tudo o que nos rodeia. Portanto, devemos trabalhar para que essa energia universal e interior permaneça em equilíbrio, a fim de promover um ambiente cheio de

otimismo ao nosso redor, pois esse fluxo permite o crescimento não só de quem segue o seu próprio caminho espiritual, mas também de quem compartilha com ele nas diferentes dimensões da vida.

Por meio dessas linhas, quis mostrar a importância da busca do equilíbrio energético não só a partir da harmonia de nossos vórtices de energia, mas também da visualização da importância disso no fluxo universal. Quanto mais tivermos consciência deste ato, mais contribuiremos anonimamente para a restauração do equilíbrio total, aproximando-nos de ser uma sociedade melhor, menos agressiva, mais compassiva e acima de tudo, mais justa.

“Por estar contida em tudo que nos rodeia, a energia é algo que respiramos e saboreamos, enquanto sentimos suas correntes ao nosso redor como parte de nossa experiência individual”.



O Cordão Franciscano

Fr+ Renato do Carmo Souza

1.- Introdução

Todas as vezes que vemos um membro da ordem dos Franciscanos, alguns detalhes em sua vestimenta nos chamam a atenção. Os detalhes nas cores e formatos dos hábitos variam de acordo com os diversos segmentos da ordem. O crucifixo em formato de Tau e a cor marrom diferenciam a vestimenta de um franciscano se comparada com a vestimenta de outras ordens religiosas. Dentre os elementos existentes nas vestes, o cordão franciscano se destaca por sua forma e simbologia na trajetória de um membro da ordem. O presente trabalho tem por objetivo analisar brevemente a simbologia e a representatividade do cordão franciscano e seus três nós.

2.- Desenvolvimento

Em meio à vestimenta dos franciscanos encontramos dois cordões. Um para pendurar a cruz Tau de seu usuário e a corda branca com três nós que é amarrada no hábito utilizado. O cordão branco e o significado de seus três nós presentes no hábito franciscano trazem em seu

simbolismo o caminho e o alicerce sobre o qual se apoia o pensamento da ordem de Francisco de Assis. A proposta deste breve estudo é tentar descrever o conteúdo destes símbolos que, através de expressões aparentemente simples, carregam os fundamentos sobre os quais está firmado grande parte do ideal de Francisco de Assis. O cordão franciscano representa, antes de tudo, os votos feitos a Deus, simbolizando em seus três nós os princípios da ordem.

A cruz Tau é o símbolo franciscano usado por pessoas que se identificam com os valores de Francisco de Assis, sendo costume utilizá-lo no pescoço suspenso por um cordão contendo também os três nós. O que diferencia os membros da ordem franciscana das demais ordens é o uso exclusivo da corda de lã branca amarrada na cintura. De acordo com a história, Francisco de Assis optou pela corda branca em substituição ao cinto de couro em suas vestes. Tal escolha se embasou no ensinamento de Cristo aos seus discípulos: “Ordenou-lhes que não levassem coisa alguma para o caminho, senão somente um bordão; nem pão, nem mochila, nem dinheiro no cinto; como calçado, unicamente sandálias, e que se não revestissem de duas túnicas” (Marcos 6:7-13). Nesse sentido, buscando cada vez mais se aproximar do mínimo necessário para a existência terrena, a corda de material inferior se tornou um símbolo da simplicidade e pobreza defendida por Francisco.

3.- Os três nós

Originalmente, não existia a definição de um número específico de nós na corda que envolve o hábito franciscano. A prática dos nós tinha a função de encurtar a corda para que a mesma não tocasse o chão. Posteriormente, os três nós foram tradicionalmente incorporados à vestimenta da ordem franciscana para recordar e representar os três votos exigidos.

Os três votos possuem bastante representatividade no ideal franciscano. Esse ideal que se originou na mensagem de Francisco de Assis, foi atribuído em três aspectos: pobreza, obediência e castidade. Estes três votos estão presentes nos objetos e elementos da ordem franciscana. Podemos destacar os três nós do cordão do Tal e os três nós da corda branca. Tendo a mensagem de Francisco como inspiração de caminhada, o Gran Priorato Templário do Brasil utiliza um cajado com referências ao Tau e aos três nós.

Como os nós representam os votos franciscanos, nos cabe uma breve discussão sobre cada um deles:

Voto de Pobreza: Não tem a ver com a miséria material ou ausência do essencial, mas trata-se de uma escolha, uma atitude interior de desapego e desprendimento dos excessos. É a compreensão de que, atendidas nossas necessidades mínimas, tudo que conquistarmos a mais deva ser compartilhado. É compreender e viver uma vida alicerçada no Ser e não no Ter.

Voto de Obediência: É um comportamento sem o qual nada sob os céus poderia prosperar, pois fica claro em nosso cotidiano que os problemas, toda uma gama de situações e desequilíbrios de uma sociedade tem como semente a desobediência. A obediência é uma ação balizadora para as realizações na vida e com certeza na obra do Criador, pois Ele nos confiou uma missão que requer subordinação, que se traduz em disciplina e tenacidade nas ações para construir uma sociedade melhor.

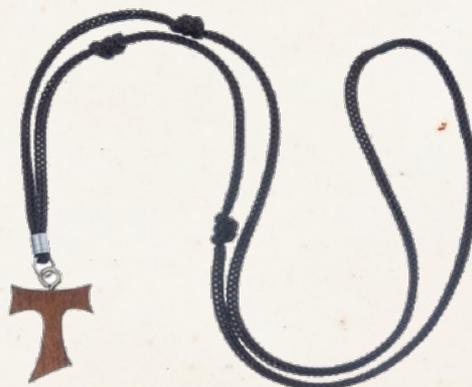
Voto de Castidade: A castidade ou pureza de coração, em sua definição simples, seria abster-se dos prazeres da carne, ou seja, do amor carnal. A aplicação da castidade na vida franciscana pode ser também entendida como uma forma de amor puro e incondicional dedicado a toda forma vivente. Podemos dizer

que, o voto de castidade embasado nesses parâmetros, produz um ser livre das mazelas do mundo, alguém capaz de compreender a plenitude do amor desinteressado e sem intenções ocultas.

4.- Considerações finais

Os valores simbolizados, representados em cada um dos nós do cordão que ata o hábito franciscano (pobreza, obediência e castidade), estão integrados de tal forma que não poderíamos praticá-los separadamente, mas sim todos ao mesmo tempo. Podemos afirmar que, ao praticar verdadeiramente apenas um desses valores estamos realizando todos os outros, onde um representa a todos, ao mesmo tempo em que, todos se resumem a um. Sob esse ponto de vista, não é possível viver tais ensinamentos separadamente, mas sim, a plenitude deles por estarem conectados.

“A cruz Tau é o símbolo franciscano usado por pessoas que se identificam com os valores de Francisco de Assis, sendo costume utilizá-lo no pescoço suspenso por um cordão contendo também os três nós”.



Janela Cultural do Templo: O Adagio de ¿Albinoni?

Caros leitores, é uma honra apresentar a vocês a primeira edição deste espaço denominado “Janela Cultural do Templo”, que foi criado pela equipe editorial de nossa revista para compartilhar um pouco de arte e cultura de primeiro nível, que harmoniza com o grande conhecimento iniciático que nossa revista Octógono difunde.

Nesta ocasião, dedicaremos estas linhas à famosa peça musical chamada Adagio de Albinoni ou Adagio em Sol menor, cujo título original é Adagio in Sol minore per archi e organo su due spunti tematici e su un basso numerato di Tomaso Albinoni (Mi 26). Esta é uma peça neobarroca para cordas e órgão que tem gerado polêmica desde sua publicação, uma vez que foi originalmente atribuída ao compositor veneziano do século XVIII, Tomaso Albinoni. Contudo, há amplo consenso de que foi composta em 1945 pelo italiano musicólogo Remo Giazotto.

Ao publicar sua versão gravada pela primeira vez em 1958, o editor da Casa Ricordi apresentou como argumento de venda que o autor havia contado com fragmentos de um movimento lento de uma trio sonata de Albinoni, presumivelmente encontrada nas ruínas da Biblioteca de Dresden, após o bombardeio da cidade na Segunda Guerra Mundial. No entanto, nenhuma prova séria da existência de tais fragmentos foi encontrada. A *Staatsbibliothek Dresden* negou formalmente tê-los em sua coleção de partituras. Foi sugerido que o tema desse Adagio guarda alguma semelhança com o início do tema do



Tomaso Albinoni

Adagio Sotenuito do Primeiro Trio em Mi bemol maior Op. 33 para Piano, Violino e Violoncelo de Louise Farrenc, de 1841.

Essa comparação, no entanto, é infundada, pois são peças radicalmente diferentes. Antonio Vivaldi compôs uma frase para violoncelo quase idêntica à primeira frase do violino Adagio, no início do segundo movimento de seu Concerto para Duas Trompas, Cordas e Contínuo, RV 538. O Adagio também soa igual aos primeiros acordes do aria *Es ist vollbracht* da Paixão, segundo São João de Johann Sebastian Bach. É denominado "Adagio de Albinoni" ou "Adagio em Sol menor, arranjado por Remo Giazotto", e geralmente é orquestrado para cordas e órgão, embora às vezes seja apenas para cordas.

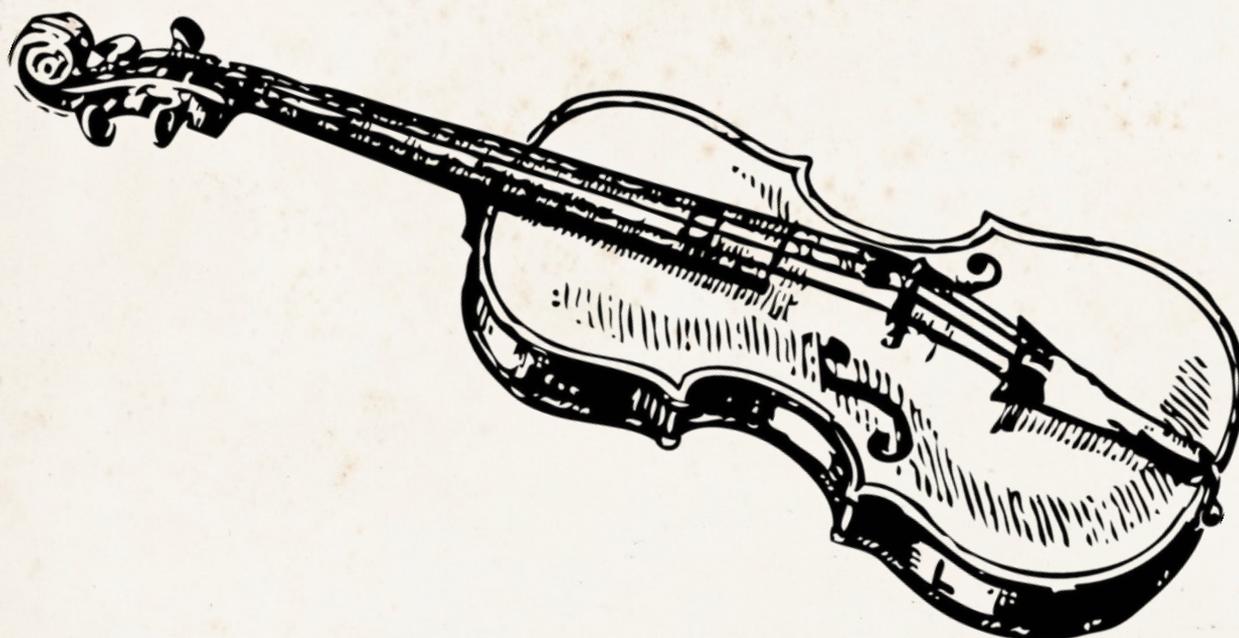
Especialistas musicais de todo o planeta concordam que o famoso Adagio em sol

menor é uma composição inteiramente original e composta totalmente por Remo Giazotto, que faleceu em 26 de agosto de 1998, permanecendo como seu descobridor e sem receber nem desfrutar da vida o devido reconhecimento como o autor de uma composição tão grande.

Nestes links oferecemos duas variantes para desfrutar desta peça, a primeira versão interpretada pelo violoncelista croata Stjepan Hauser, em arranjo para violoncelo e acompanhada pela Orquestra Filarmônica de Zagreb, e a segunda pela Sinfonia de Budapeste. Aproveitem.



Sinfónica de Budapest



Processo de Inscrição para a Ordem do Templo Ano 2021

Nossa Augusta Ordem de Cavalaria iniciou seu processo de inscrição, por isso convidamos todos os interessados em nossa Ordem a entrar em nossos sites. Para os chilenos e chilenas, escreva para o endereço www.chileordotempli.cl e faça o download do formulário de inscrição. Para os brasileiros e brasileiras, acesse www.ordemdotemplobrasil.com.

Convidamos nossos leitores que tiverem dúvidas sobre o processo, para enviá-los para os e-mails reclutamiento@chileordotempli.cl no Chile e para chancelaria@ordemdotemplobrasil.com no Brasil.





OCTÓGONO

Revista Capitular Templária

Gran Prior do Chile: Fr+ David Moreno da Costa
Gran Prior do Brasil: Fr+ Randolpho Radsack Corrêa
Editores: Fr+ Walter Gallegos Cortés
Fr+ Benjamín Pescio Andrade



A Revista Octógono é uma publicação trimestral produzida por membros da Ordem do Templo. Todas as informações disponíveis nesta revista são públicas. Qualquer reprodução de seu conteúdo possui a exigência de indicação da fonte original.

Se você tiver alguma dúvida ou simplesmente quiser entrar em contato com nossa Ordem, envie uma mensagem para cancilleria@chileordotempli.cl (Chile) ou chancelaria@ordemdotemplobrasil.com (Brasil), bem como através da nossa fanpage do Facebook no [Chile](#) ou no [Brasil](#).